

MANEJO DO PSEUDOCAULE NO CONTROLE DA BROCA-DO-RIZOMA DA BANANEIRA

Marilene Fancelli¹
Marcelo Bezerra Lima¹

A broca da bananeira ou moleque, *Cosmopolites sordidus* (Germar, 1824) (Coleoptera, Curculionidae), constitui-se na principal praga da bananeira, provocando perdas de até 80% na produção. As larvas são causadoras do dano por produzirem galerias no rizoma (Figura 1), enfraquecendo a planta e reduzindo o peso do cacho, que acaba tombando pela ação do vento. No entanto, por estarem protegidas dentro do rizoma, a verificação de sua presença é mais difícil e também o seu controle. Quando adulto, o besouro de coloração preta mede aproximadamente 1 cm de comprimento (Figura 2) e é ativo no período noturno. O moleque se espalha facilmente pelo uso de mudas infestadas ou pelo caminhamento. Durante o dia, o besouro é encontrado entre as bainhas mais externas da bananeira e em restos de pseudocaule que permanecem sobre o solo após a



Fig. 1. Galerias no rizoma causadas por *C. sordidus*.



Fig. 2. Adulto de *C. sordidus*.

Foto: Zilton José Maciel Cordeiro.

Foto: Nilton Fritzens Sanches.

colheita (Figura 3), os quais atuam como verdadeiros esconderijos para a broca. Considerando o grande volume de restos de pseudocaule como abrigo e fonte de alimentação do besouro, a presença desse material no bananal efetivamente torna-se um foco de infestação do moleque em plantas saudias, promovendo o crescimento da população e, conseqüentemente, dos prejuízos causados. Em vista desse problema, recomenda-se que os pseudocaules provenientes da colheita e espalhados entre as fileiras de bananeiras sejam partidos longitudinalmente e picados em pedaços menores (Figura 4). Dessa forma, acelera-se o apodrecimento dos restos de pseudocaules tornando o ambiente desfavorável para a sobrevivência do moleque. Esse procedimento, realizado regularmente, servirá como medida auxiliar no manejo da broca do rizoma da bananeira. O uso desta prática, devido à destruição de abrigos para *C. sordidus* aumentará a eficiência de controle, mediante o emprego de iscas atrativas, adicionada ou não de inseticidas (biológico ou químico).



Foto: Cecília Helena Silvino Prata Ritzinger.

Fig. 3. Restos de pseudocaule no bananal.



Foto: Marcelo Bezerra Lima.

Fig. 4. Restos de pseudocaule manejados no bananal.